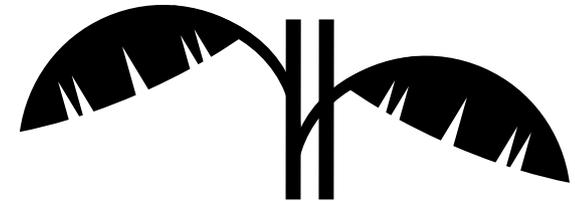




Tatiana  
Salem Levy

# paraíso



LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
MMXVI

*Para Djamila, Helena e Gilda, que me seguram a mão.  
Para Dina e Joana.*

© 2016, Tatiana Salem Levy  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Originalmente publicado em 2014,  
Editora Foz, Brasil.

Título: *Paraíso*  
Autora: Tatiana Salem Levy  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Abril de 2016

ISBN 978-989-671-305-8  
Depósito Legal n.º 406747/16

*Aqueles que morreram nunca partiram*

BIRAGO DIOP

**O**DIA ESTAVA NASCENDO QUANDO Ana ouviu do homem ao seu lado tenho Aids. Imóvel, recapitulou cada passo desde o minuto em que saíra da festa até visualizá-los na cama, ele buscando uma camisinha, a constatação não tenho, ela respondendo, bêbada, goza fora. Tinha acabado de pensar em dormir um pouco quando a voz surgiu, apática, como se dissesse vou tomar um café e já volto. Ana permaneceu muda. Queria regressar no tempo, opor-se à insistência da amiga que afirmara você precisa conhecer gente nova, mas a noite ia ficando para trás na medida em que a claridade entrava pela persiana mal fechada. Um gosto amargo lhe subiu à boca, e ela vomitou ali mesmo, sobre o piso laminado do quarto dele.

Embora fosse um domingo, conseguiu falar com o médico, e três horas mais tarde estava num centro de saúde tomando o coquetel antirretroviral. Se seguisse à risca o tratamento, diminuiria as chances de contágio, porém nada tirava de Ana a ansiedade que se instalara desde o segundo em que ouvira o anúncio inesperado. As imagens teimavam em retornar, ela lavando o rosto no banheiro dele, esfregando os dentes com a pasta de menta, se perguntando diante do espelho se a sua presença ali era real, o verde debaixo da pintura descascada dos azulejos, o pincel de barbear sobre a pia, as mãos trêmulas.

Por fim, a raiva ganhando contorno, e você me diz isso agora? O rosto dele, lívido, sem expressão, impedindo-a de entender se era, de fato, um filho da puta. Ele se irritou quando Ana jogou o copo d'água no chão, enfurecida, e não hesitou em expulsá-la de casa, eu avisei que não tinha camisinha, agora vai embora. Ela só acatou a ordem porque pensou não posso esperar nada de alguém que faz isso. Em silêncio, ele aguardou que ela se vestisse, pegasse a bolsa e deixasse o quarto, o estrondo da porta ecoando mesmo depois de seus passos terem sumido escada abaixo.

Assim que saiu do centro de saúde, Ana falou de novo com o médico e se deu conta de que os detalhes começavam a escapar, a recordação se confundia com o que ela acreditava ter ocorrido. Será que ele tinha gozado fora mesmo? Arranjou o número do homem cujo nome não lembrava e lhe telefonou várias vezes. Precisava de uma resposta para as perguntas do médico, saber há quanto tempo tinha o vírus, se a doença já se manifestara e qual a sua carga viral, mas ele não atendeu. Jurou que iria matá-lo.

Durante vinte e oito dias, teve que tomar o coquetel. Logo na primeira vez em que olhou para aqueles comprimidos enormes, um amarelo, o outro marrom, pressentiu a ânsia de vômito que viria a seguir. Apesar dos remédios contra enjoo, não aguentava. Tinha dificuldades em sair da cama, o corpo mole, a fala arrastada, uma tontura que ela pedia para chegar ao fim.

Fez dois testes de HIV: um antes de iniciar a medicação, ainda no centro de saúde; outro dois dias depois de terminá-la. Mas só o terceiro, que ela deveria realizar dentro de um mês, lhe daria garantia absoluta de que não tinha sido contaminada. Embora o médico afirmasse que a precisão

dos exames avançara muito, ela não se acalmava. Enquanto não tivesse nas mãos o teste definitivo, não dormiria em paz. Tentava entender por que tinha bebido tanto, por que a casa dele, o sexo sem camisinha, sem conseguir aceitar a ausência de sentido por trás dos fatos.

Ana não temia apenas estar doente. Temia também o passado. Havia escrito três romances acreditando que se livraria de um peso, como se a dor pudesse simplesmente se deslocar do corpo para o papel, mas logo descobrira que bastava um detalhe sair do lugar, uma pequena angústia, para voltar a sofrer. Vivia fugindo da memória, certa de que a felicidade exigia o esquecimento. Evitava os riscos, as situações que pudessem reabrir alguma ferida.

Até o instante em que deixou a casa do desconhecido e soube que não haveria saída. O passado ressurgia, intacto, como se tivesse acabado de acontecer.

ANA ATÉ PODIA OUVIR A VOZ da mãe, contando a história da família: no século XIX, o barão de uma fazenda de café na região de Vassouras tinha por amante uma escrava que, na sua tribo africana, era princesa e sacerdotisa. Ao descobrir a traição do marido, a sinhá ordenara que a enterrassem viva. Antes de ser jogada na cova, a escrava lançou a maldição: durante cinco gerações, as mulheres da sua família seriam infelizes no amor. Ana pertencia à última.

Tempos depois, fora em busca das origens desse acontecimento, acreditando que se conseguisse decifrar os mistérios que envolviam o passado ficaria livre das palavras proféticas da sacerdotisa. Mergulhara em livros sobre ascensão e o declínio do café, percorrera Vassouras e seus

arredores, até descobrir que a fazenda que um dia pertencera à sua família havia sido destruída sem deixar vestígios. Os rastros eram poucos, seria quase impossível alcançar a escrava. Acabara desistindo, mas sentia que os fantasmas continuavam por perto.

Antes mesmo de se dirigir ao centro de saúde, Ana ganhou a certeza de que a maldição chegava até ela. Ao longo dos vinte e oito dias em que quase não saíra de casa, enjoada e abatida, foi notando cada vez mais a presença da escrava. Ouvia seu berro antes de ser coberta pela terra, o sopro da sua voz exigindo conta a minha história.

Uma espiral de causas e consequências começou a se formar, sem controle, e Ana entendeu que só havia uma forma de sair do desespero: escrever um romance sobre aquela mulher que fora silenciada pelo castigo cruel da sua antepassada. Se não explorasse os recônditos da fazenda de café onde a escrava havia morrido, não se salvaria.

Quando faltavam vinte e quatro dias para se submeter ao terceiro teste de HIV, decidiu se refugiar no campo. Precisava de um sentido para a possível tragédia que se anunciava de uma hora para a outra. Precisava espantar o fantasma que a perseguia, o medo daquela mulher do século XIX se misturando ao seu. A ideia de sair da cidade surgiu como alternativa para se afastar do cotidiano e encarar, de vez, a maldição da família. Pediu emprestado o sítio de Mercedes e foi para Nogueira escrever.

APANHOU UM ÔNIBUS NA RODOVIÁRIA Novo Rio e desceu em Petrópolis. Procurou o homem que viria buscá-la e só o encontrou meia hora depois, num carro branco. Carlos

era exatamente como Mercedes havia descrito: barbudo, franzino, meio louro. Chegou atrasado por conta de um acidente na estrada, uma moto lançada ao longe por uma caminhonete. Agora o trânsito já deve estar livre, foi o que disse, enquanto guardava a mala no bagageiro. Não disse mais nada até terminarem o percurso e ele agradecer o gesto de Ana, que desceu para abrir o portão. Tirou a placa onde se lia o nome do sítio — Paraíso — e afastou as portas de madeira.

Assim que chegou à casa principal, viu Rosa se aproximando. Rosa se lembrava de Ana, de quando viera com outros amigos de Mercedes. Não lhe disse, mas pensou que seria difícil esquecer um rosto tão marcante, as sobrancelhas extremamente grossas que Ana fazia questão de não tirar, o nariz comprido, a boca carnuda, os olhos levemente puxados. E aquele cabelo que ela achava lindo, tão preto, tão liso.

Era a segunda vez que vinha para a casa de campo em Nogueira. Na primeira, um ano antes, Mercedes lhe assegurara que quando precisasse de um lugar isolado para escrever era só pedir.

Elas haviam sido apresentadas por um namorado em comum, quinze anos mais velho do que uma, quinze anos mais novo do que a outra. No princípio, Mercedes achava graça em se aproximar de uma jovem escritora cujo nome circulava nos eventos literários mais importantes do país. Ana, por sua vez, se comovia diante daquela diva do teatro brasileiro, atriz também de alguns filmes e poucas novelas. Com o tempo, foram deixando de lado as imagens que as atraíram no primeiro contato e se tornaram amigas, com seus defeitos e banalidades.

## AGRADECIMENTOS

*Alguns amigos me ajudaram com a pesquisa para este livro. São eles: Alberto Mussa, Bruno Alencar, Claudia Lage e Maitê Proença, assim como Clara Prazeres e a equipe do NUDEM.*

*Outros leram e comentaram o texto, em diferentes momentos do processo: Alexandra Lucas Coelho, Anna Ascolies, Dina Salem Levy, Joana Jabace, Karla Monteiro, Lúcia Murat, Manuela Mendonça, Marta Mucznik, Paloma Vidal e Sandra Rocha.*

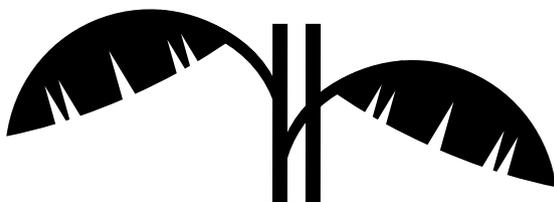
*Nicole Witt e todo o pessoal da agência Mertin, além de sempre animados, se mostraram leitores sagazes.*

*Isa Pessoa foi uma editora atenciosa e precisa.*

*Pedro Loureiro foi a minha alegria.*

Tatiana Salem Levy nasceu em 1979. Publicou os romances *A Chave de Casa* (Prêmio São Paulo de Literatura) e *Dois Rios*, além dos infantis *Curupira Pirapora* (Prêmio FNLIJ) e *Tanto Mar* (Prêmio ABL). Seus livros foram publicados em onze países. Na Inglaterra, *A Chave de Casa* recebeu o English Pen Award e ficou entre os melhores de 2015, segundo o jornal *The Guardian*.

*Paraíso* foi publicado no Brasil em 2014.



# paraíso

foi composto em caracteres HoeflerText  
e impresso pela Rainho&Neves,  
sobre papel Coral Book  
de 90 g, em Março  
de 2016.